

CORUMBÁ

na vida sonhada, na vida vivida e
na vida contada por seus moradores





APRESENTAÇÃO

Todo lugar tem uma história para contar e quem vai ouvir precisa se preparar, porque é como puxar o fio de um novelo. São muitas lembranças, imagens, emoções, que precisam de uma ajuda para não se embaralharem.

Em Corumbá, foram professores e alunos das escolas municipais que aceitaram o desafio de se preparar para ouvir os moradores da cidade.

O Museu da Pessoa entrou com a formação dos educadores, para que pudessem, juntamente com os alunos, convidar o morador, produzir um texto e desenhos a partir do que ouviram.

As histórias aqui registradas são uma homenagem a todos os moradores do município. Temos certeza de que você vai se surpreender com os relatos e com a capacidade dos alunos de expressar o que ouviram nos textos e desenhos dessa publicação.

Você, leitor, está convidado a parar um tempinho para se deliciar com as histórias e memórias de pessoas que talvez conheça pessoalmente, talvez seja seu vizinho ou da sua família, descobrir as semelhanças e diferenças. Assim estará olhando também para você mesmo. Afinal, são todos humanos, corumbaenses e constroem suas histórias de vida no dia a dia.

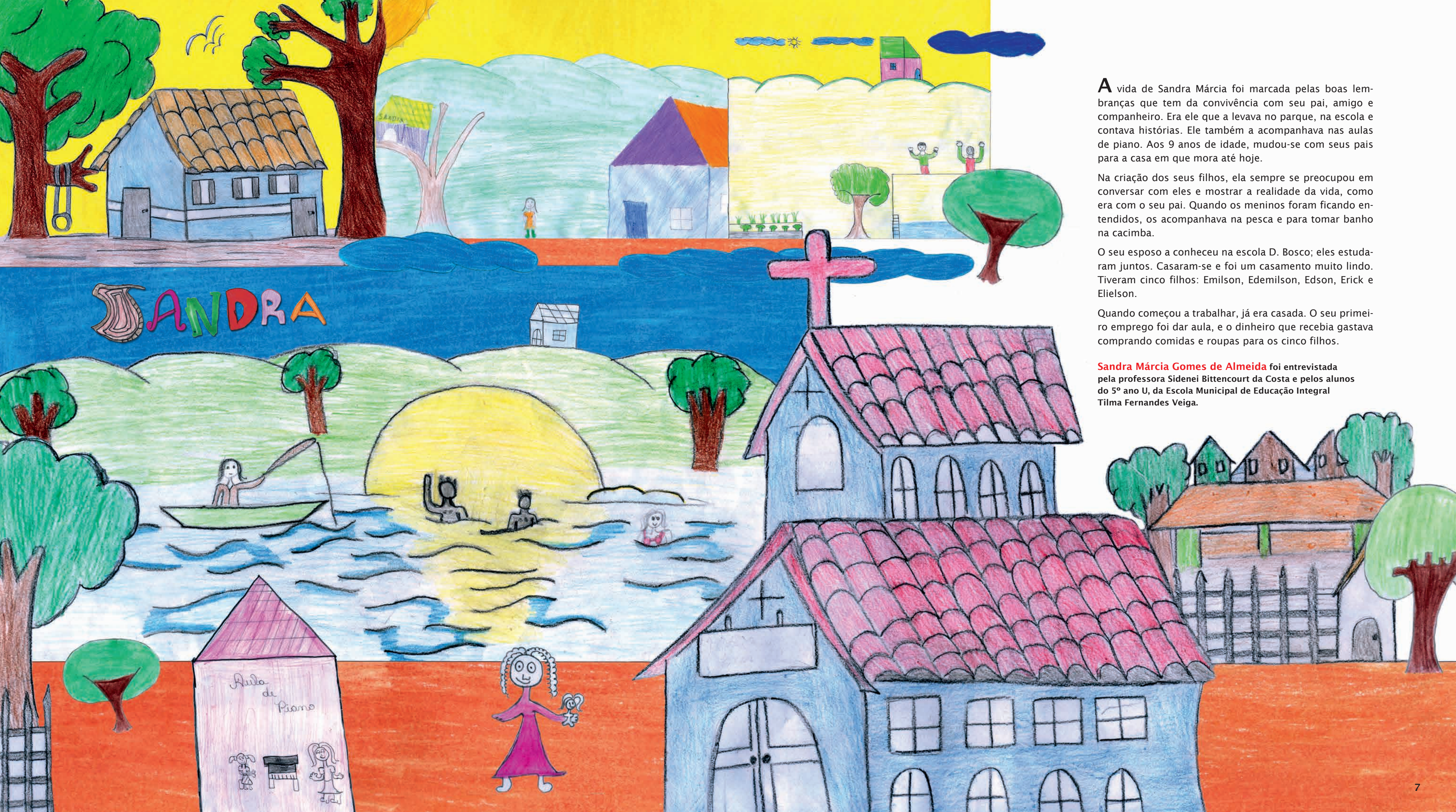
Esta ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2018 (Pronac 17.7422), realizado pelo Ministério da Cultura através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo Instituto Museu da Pessoa, com patrocínio da Votorantim Cimentos.

Museu da Pessoa

LEMBRANÇAS

DA INFÂNCIA TODO MUNDO TEM





A vida de Sandra Márcia foi marcada pelas boas lembranças que tem da convivência com seu pai, amigo e companheiro. Era ele que a levava no parque, na escola e contava histórias. Ele também a acompanhava nas aulas de piano. Aos 9 anos de idade, mudou-se com seus pais para a casa em que mora até hoje.

Na criação dos seus filhos, ela sempre se preocupou em conversar com eles e mostrar a realidade da vida, como era com o seu pai. Quando os meninos foram ficando entendidos, os acompanhava na pesca e para tomar banho na cacimba.

O seu esposo a conheceu na escola D. Bosco; eles estudaram juntos. Casaram-se e foi um casamento muito lindo. Tiveram cinco filhos: Emilson, Edemilson, Edson, Erick e Elielson.

Quando começou a trabalhar, já era casada. O seu primeiro emprego foi dar aula, e o dinheiro que recebia gastava comprando comidas e roupas para os cinco filhos.

Sandra Márcia Gomes de Almeida foi entrevistada pela professora Sidenei Bittencourt da Costa e pelos alunos do 5º ano U, da Escola Municipal de Educação Integral Tilma Fernandes Veiga.



As lembranças do tempo de menina de Dona Fermozina estão muito vivas em sua memória até hoje. Ela tem 96 anos, nasceu na cidade de Dourados e veio para a cidade de Corumbá para trabalhar em uma fazenda no Porto da Manga. No ano de 1954, se mudou para Porto Esperança.

Lembra que, quando chegou aqui, tinha estiva, cartório (onde registrou três dos sete filhos), correios, policiamento, destacamento do Exército brasileiro, trem de carga e de passageiro, armazém, comércio em geral, mais habitações e mais famílias do que os dias atuais.

Aqui nasceram os três filhos e seis netos. Ela ajudava no sustento de sua família lavando roupas para fora e vendendo peixe frito e bolo na estação ferroviária e na estiva.

Do que mais sente saudade é do trem, porque era o que dava acesso a outras cidades e gerava renda para os moradores da comunidade. Sua tristeza é que não tem mais o cartório, o correio e a presença dos militares, que dava segurança ao local.

Lembra que Porto Esperança foi bem movimentado e muito importante, pois era daqui que embarcavam a erva-mate Laranjeiras e Copema. Esse é o lugar que escolheu para viver o resto da vida, ainda que não tenha mais o que tinha antes. Sonha que um dia o trem volte a funcionar e que esse lugar volte a ser como era antes.

Fermozina da Silva foi entrevistada pela professora Lylian Cristina Campos Faria e pelos alunos da sala multi 6º a 9º anos da Escola Municipal Rural Polo Porto Esperança e Extensões.



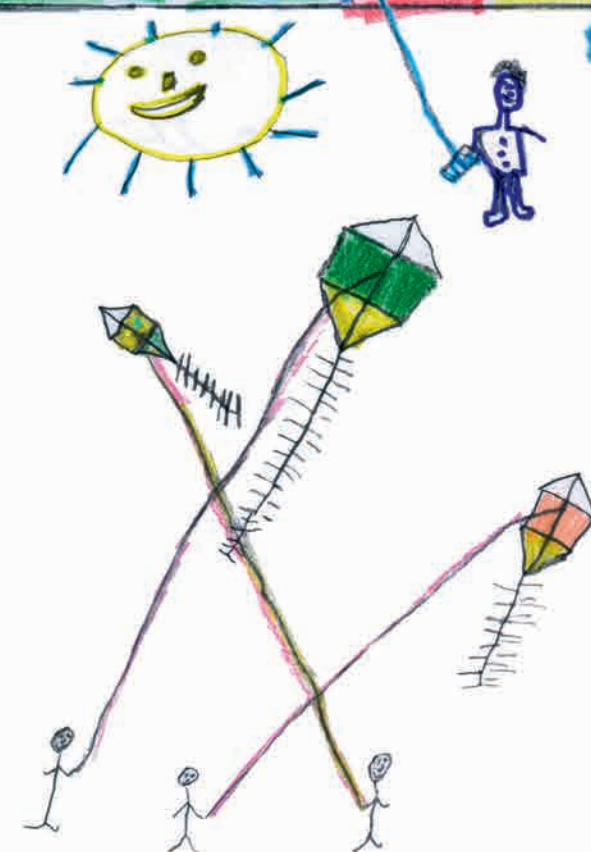


As lembranças que o senhor César tem da infância são de muito trabalho desde os 9 anos e de pouco tempo para brincar. Nasceu em Cuiabá, lá pelas bandas do Santo Antônio Vila da Gente. Levantava muito cedo para trabalhar numa feira. Eram poucos os momentos para as brincadeiras e lamenta não saber fazer pandorga até hoje.

A sua vida foi difícil desde a infância, ajudando a mãe. Não chegou a conhecer seu pai verdadeiro. Sabia que ele foi fiscal de alfândega na fronteira. Sua mãe foi pai e mãe, pessoa que nunca deixou de trabalhar para sustentar seus cinco irmãos e ele com muito sacrifício.

Agora tem muito orgulho dos netos e desfruta dos momentos de convívio com eles. Já tentou fazer pandorga para um deles, mas ainda não conseguiu. As amarrações das linhas não deram certo e, por isso, passou apertado para brincar com ele.

César Carmo de Oliveira Ribeiro foi entrevistado pela professora Geovanna Garcia e pelos alunos do 4º ano da Escola Municipal Rural de Educação Integral Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.





marcelo Bispo entrando no navio

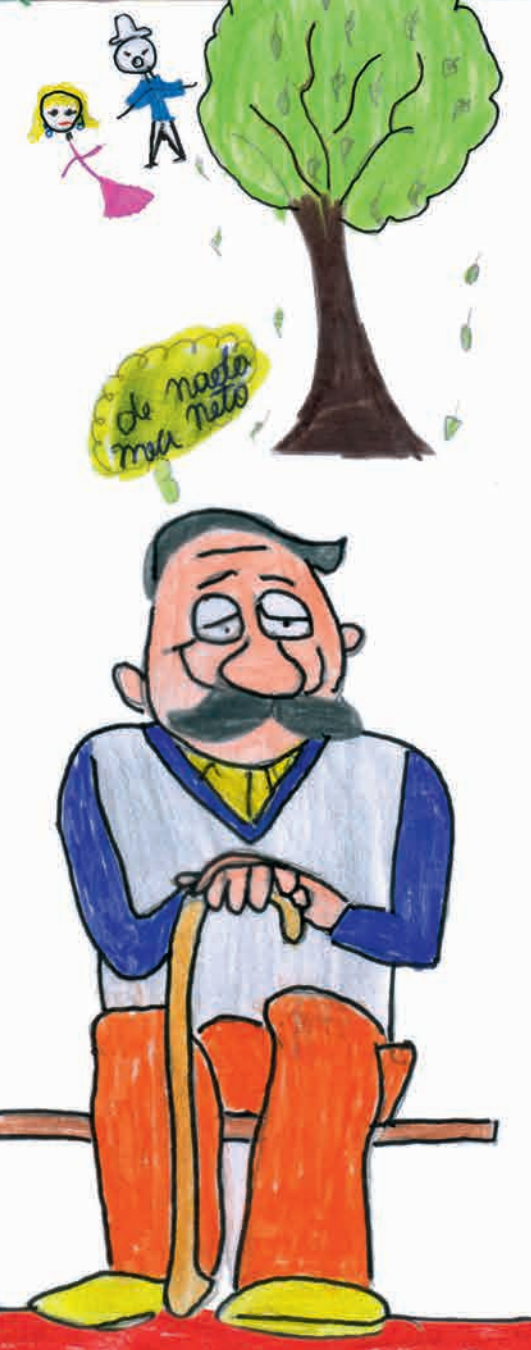


Marcelo escolheu para contar uma passagem da sua vida que aconteceu quando tinha 7 anos. Nunca se esqueceu do dia em que ganhou do seu avô um lindo caminhão feito por ele mesmo, todo de madeira pintada na cor azul. Marcelo ficou muito feliz com o presente e não largava mais o brinquedo.

Um dia, quando brincava na calçada da sua rua, sua mãe chamou Marcelo pra fazer o lanche da tarde. Nessa de ir tomar o lanche, deixou o caminhão na rua e, quando voltou, o caminhão tinha sumido. Ele entrou chorando e foi falar com sua mãe. Aí aconteceu o pior! Tomou uma bela surra e ouviu da sua mãe:

- Estou te batendo pra você ter mais cuidado com suas coisas.
- Então ele ficou muito triste só pensando no brinquedo que foi roubado.
- Um dia sua mãe avisou seu avô:
- Pai, eu e o Marcelo vamos passar uns dias com o senhor.
- Quando Marcelo soube que iria passar uns dias com seu avô ficou muito feliz, mas o que ele não sabia é que tinha uma bela surpresa pra ele: seu avô tinha feito outro caminhão. Ele ficou muito feliz e emocionado. Até chorou com o segundo caminhão que seu avô havia lhe dado; só a cor era diferente. Dessa vez era verde!

Marcelo Bispo Santos foi entrevistado pelo professor Pedro Luiz Jerônimo Borges e pelos alunos do 5º ano A da Escola Municipal Pedro Paulo de Medeiros.





As lembranças que o Sr. Jared tem da infância são de muito trabalho para ajudar seus pais em casa. Ele queria ter brincado como todas as outras crianças. Às vezes ficava na janela olhando as crianças brincarem, mas não podia, porque tinha que sair logo cedo para vender salgados e bolos. Isso aos 5 anos de idade. Sua vida era estudar e trabalhar.

O Sr. Jared vendeu salgados até os 8 anos, trabalhou como engraxate, vendedor de picolés e cobrador de “expressinho”. Lembra que naquela época não tinha linha de ônibus, apenas Kombis que faziam o trajeto do centro aos bairros e vice-versa. Tinha também charretes, espécie de carroças que eram puxadas por cavalos. Esse trabalho durou até os 11 anos. Pela manhã trabalhava e à tarde estudava. À noite estava cansado e tinha que dormir cedo para começar tudo de novo no dia seguinte.

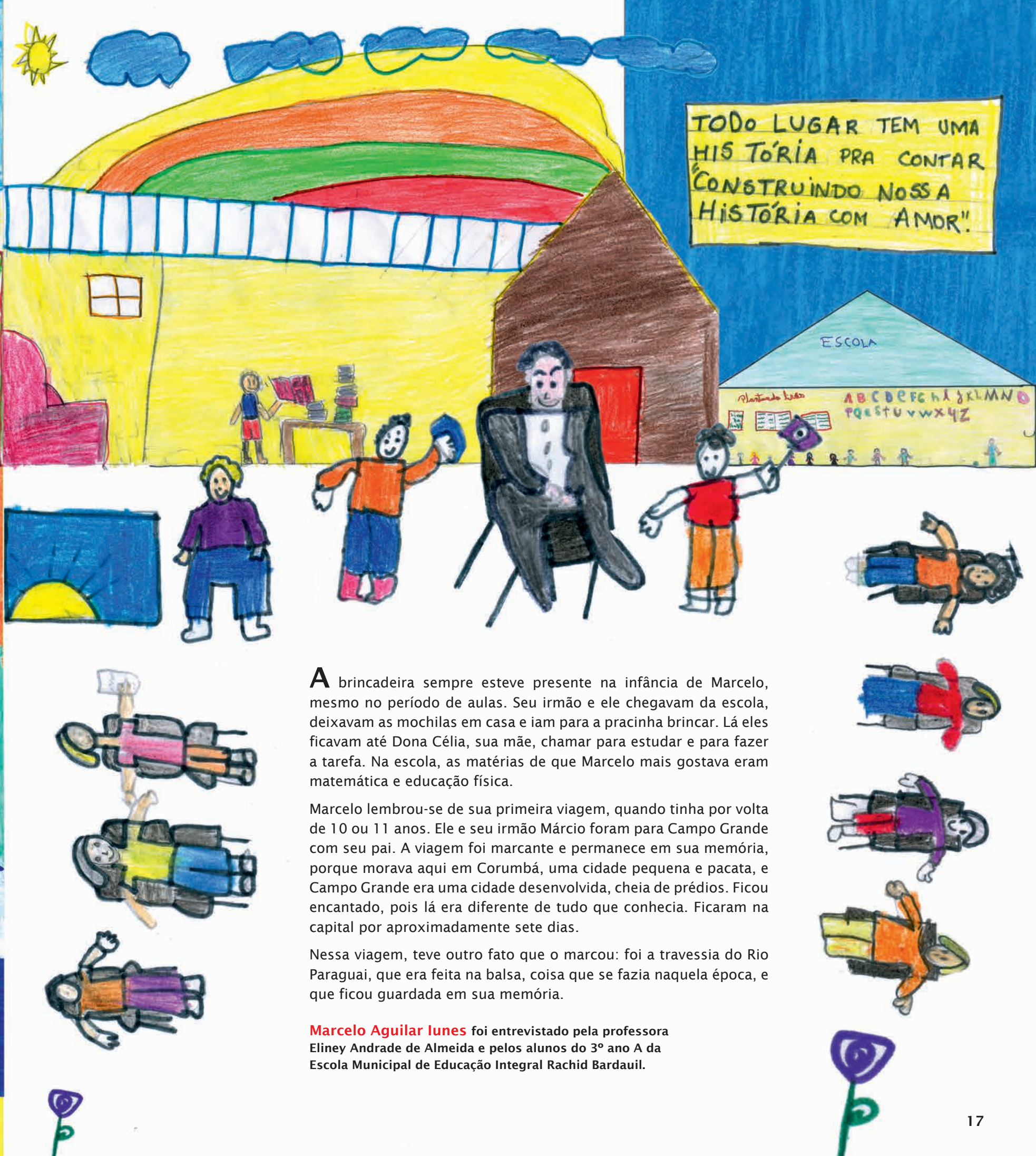
Uma noite, quando tinha 11 anos e já trabalhava com seu primo como ajudante de mecânico, saiu com ele para tomar uma cerveja. Foi ao bar e experimentou a bebida pela primeira vez, tomou apenas um copo e foi

para casa. Chegando lá, seu pai, muito severo, percebeu pelo seu hálito que ele havia tomado bebida alcoólica e não aceitou o fato. Isso o deixou muito brabo, eles discutiram e durante a briga o seu pai acabou falando:

– Se você quer viver do seu jeito, a porta é a serventia da casa.

Após sair de casa, o Sr. Jared foi pedir ajuda para seu tio, que o acolheu e lhe deu todo o apoio e carinho. Algum tempo depois, pediu ajuda para um fazendeiro da cidade que era seu padrinho de berço, Dr. Venâncio. O padrinho o levou para trabalhar na fazenda para cuidar de peões, montaria e cuidar do gado no campo. Ficou na fazenda até chegar à idade de se apresentar no Exército. Estudou até a 8ª série. Voltou a ter contato com seus pais biológicos apenas aos 26 anos de idade e considera seus pais aqueles que o criaram: Dona Izabel e Sr. João.

Jared Felisberto de Carvalho foi entrevistado pelo professor Antônio Carlos Ribeiro Dias e pelos alunos do 8º ano U da Escola Municipal de Educação Integral Luiz Feitosa Rodrigues.



TODO LUGAR TEM UMA
HISTÓRIA PRA CONTAR
CONSTRUINDO NOSSA
HISTÓRIA COM AMOR!!

ESCOLA

Plantando letras

A B C D E F G H I J K L M N O
P Q R S T U V W X Y Z

A brincadeira sempre esteve presente na infância de Marcelo, mesmo no período de aulas. Seu irmão e ele chegavam da escola, deixavam as mochilas em casa e iam para a pracinha brincar. Lá eles ficavam até Dona Célia, sua mãe, chamar para estudar e para fazer a tarefa. Na escola, as matérias de que Marcelo mais gostava eram matemática e educação física.

Marcelo lembrou-se de sua primeira viagem, quando tinha por volta de 10 ou 11 anos. Ele e seu irmão Márcio foram para Campo Grande com seu pai. A viagem foi marcante e permanece em sua memória, porque morava aqui em Corumbá, uma cidade pequena e pacata, e Campo Grande era uma cidade desenvolvida, cheia de prédios. Ficou encantado, pois lá era diferente de tudo que conhecia. Ficaram na capital por aproximadamente sete dias.

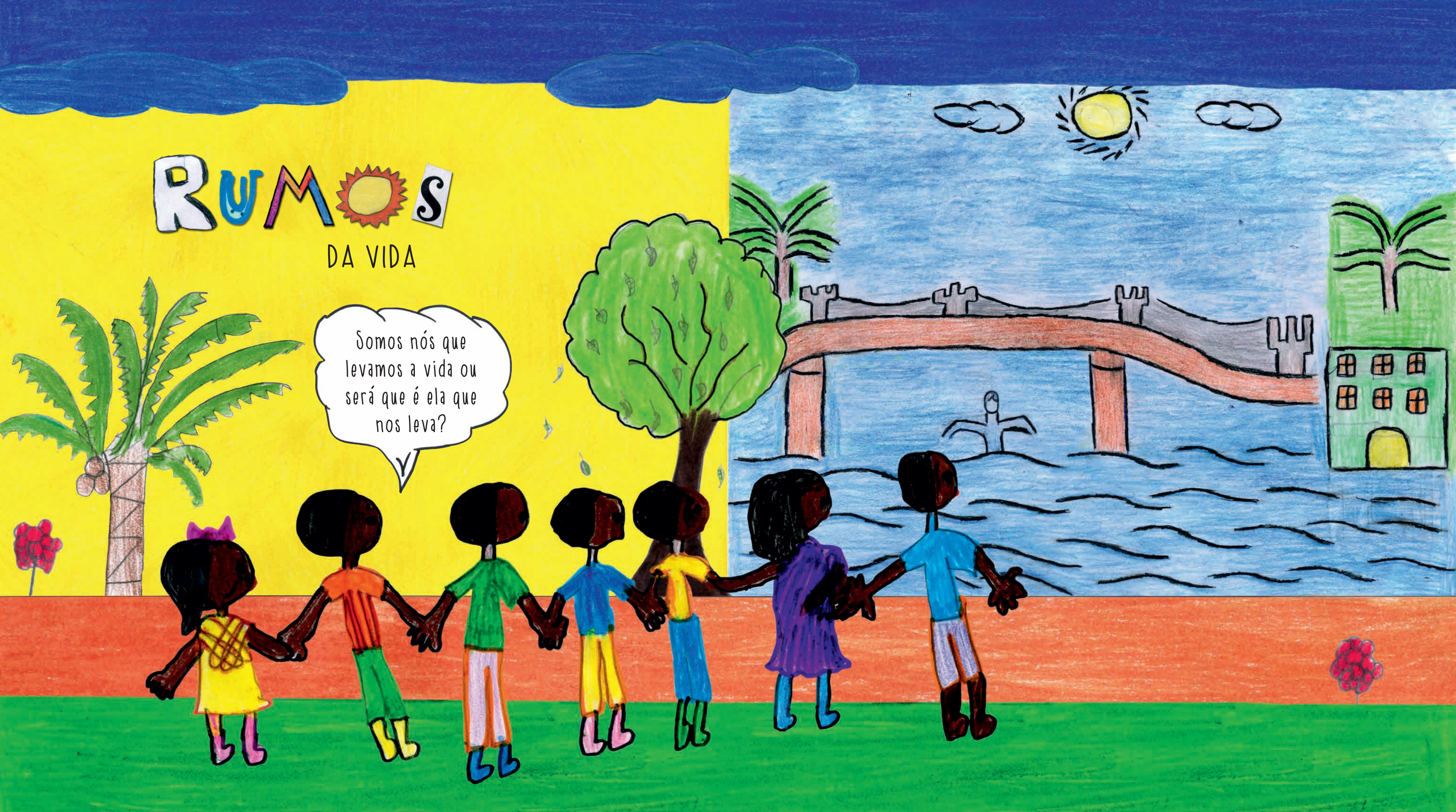
Nessa viagem, teve outro fato que o marcou: foi a travessia do Rio Paraguai, que era feita na balsa, coisa que se fazia naquela época, e que ficou guardada em sua memória.

Marcelo Aguilar lunes foi entrevistado pela professora Eliney Andrade de Almeida e pelos alunos do 3º ano A da Escola Municipal de Educação Integral Rachid Bardauil.

RUMOS

DA VIDA

Somos nós que
levamos a vida ou
será que é ela que
nos leva?





Maria Luiza teve uma ajudinha da sorte e da família, mas depois levou a vida para onde quis.

A família veio para a região do Paiolzinho na época do acampamento, em meados da década de 90. As famílias ficavam alojadas em barracas de lona, esperando que o Incra loteasse terras para elas. Eram várias barracas de lona ao longo da estrada do Jacadigo, com famílias vindas de várias partes do Estado de Mato Grosso do Sul, com a esperança de ganhar um pedacinho de terra para plantar e viver da agricultura. Ali, eles passavam frio, enfrentavam chuva e muitas dificuldades. Mas as famílias se ajudavam umas às outras enquanto aguardavam. As mulheres vinham procurar serviço de doméstica na região urbana de Corumbá para poder comprar mantimentos no mercado, e os maridos procuravam serviço nos sítios.

A família de Dona Maria Luiza felizmente foi sorteada e ficaram acampados até entregarem o lote.

Que felicidade nesse dia!

O marido vinha limpar o terreno roçando, carpindo, fazendo cerca... E ela vinha nos fins de semana para ajudar. Mas não via a hora de poder vir morar no seu cantinho preferido.

A emoção de vir morar na sua própria casa é indescritível. Mas tiveram muitas dificuldades no começo, com a falta de água e energia. Sem água era difícil produzir alimentos. Eles tinham que buscar água no tambor num córrego perto do sítio. Como consequência, eles passaram necessidade por não ter verduras e legumes para

vender. Foi um início difícil, mas eles têm muito orgulho de lembrar esse passado, porque eles superaram essa fase e venceram.

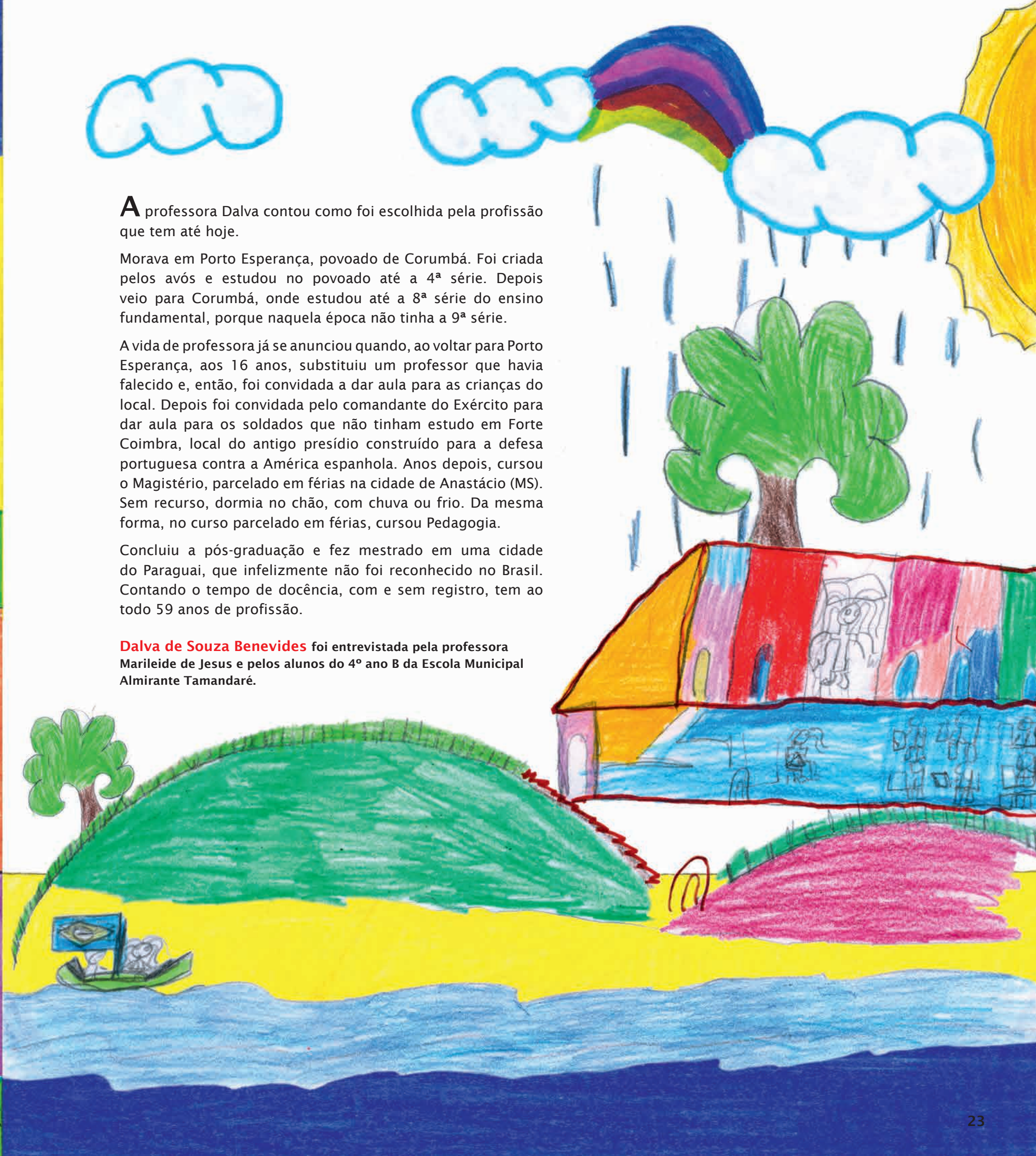
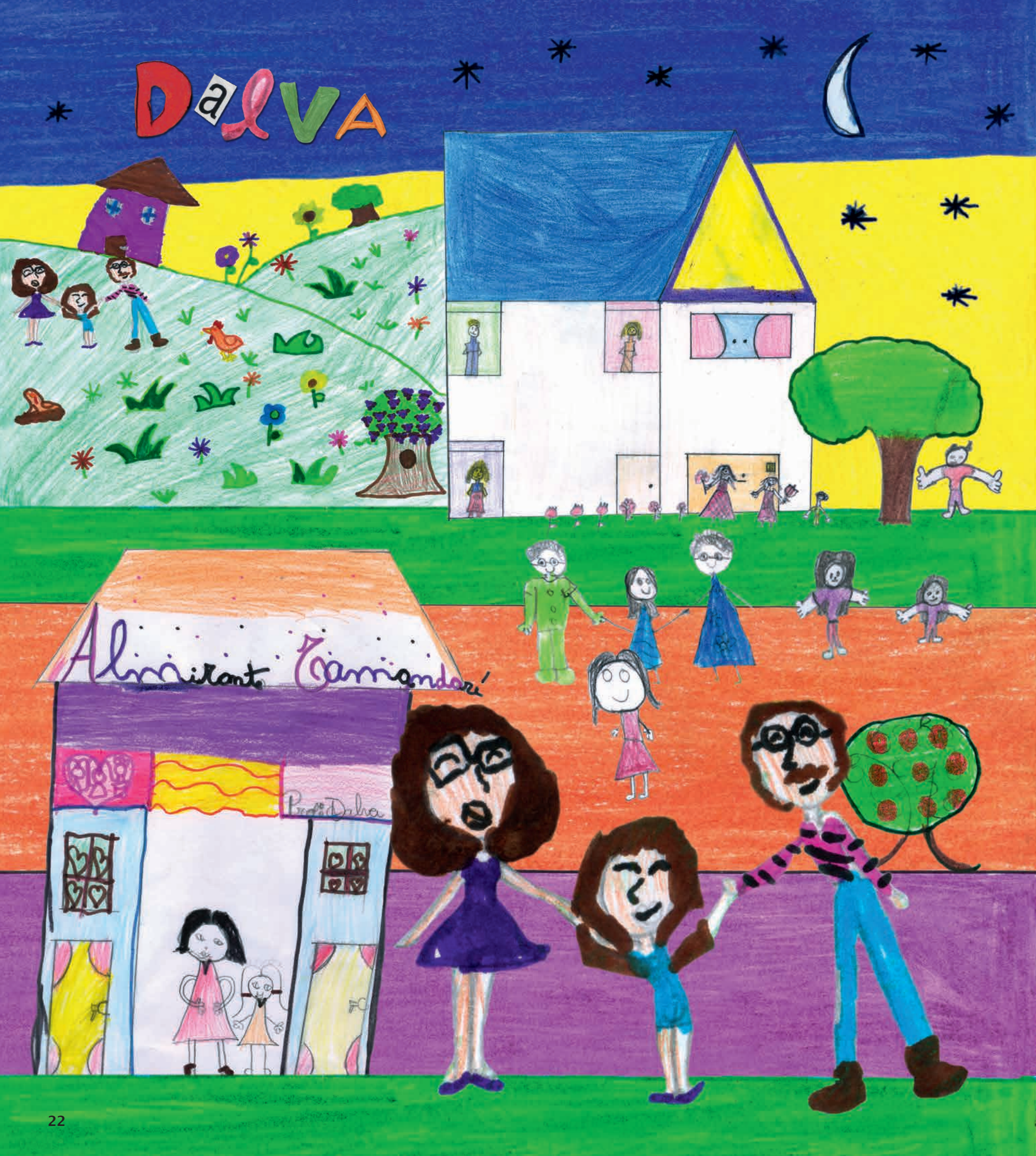
Hoje a vida na zona rural está bem mais fácil. Já assentados no tão sonhado pedacinho de terra, ainda enfrentam problemas de abastecimento de água, mas, com o poço artesiano que conseguiram implantar e com a cisterna que ajuda muito na plantação, seus dias são alegres, porque passa o tempo fazendo o que gosta.

Cuida com muito amor da sua horta. Lá ela mesma faz os canteiros, planta e colhe alface, cebolinha, coentro, salsinha, tomate. O marido cuida da roça com a plantação maior: feijão, mandioca, cenoura, milho e abóbora. Duas vezes por semana, eles vendem com muito orgulho na feira da cidade os produtos que colhem no sítio.

Quando ela conheceu o amor da sua vida?

Quando era jovem, D. Maria Luiza recebeu a proposta de trabalhar como cozinheira numa fazenda do Pantanal. Lá trabalhava um peão que conquistou seu coração. Eles começaram a namorar e, quando ele foi conversar com seus pais, todos tiveram que esconder do irmão, porque ele não a deixava sair. Num belo dia, ela e o namorado fugiram de casa para viver esse grande amor. Estão juntos até hoje.

Maria Luiza da Costa foi entrevistada pela professora Glaucia Adriana A. C. Silva e pelos alunos do 6º ano U da Escola Municipal Rural Paiolzinho.



A professora Dalva contou como foi escolhida pela profissão que tem até hoje.

Morava em Porto Esperança, povoado de Corumbá. Foi criada pelos avós e estudou no povoado até a 4ª série. Depois veio para Corumbá, onde estudou até a 8ª série do ensino fundamental, porque naquela época não tinha a 9ª série.

A vida de professora já se anunciou quando, ao voltar para Porto Esperança, aos 16 anos, substituiu um professor que havia falecido e, então, foi convidada a dar aula para as crianças do local. Depois foi convidada pelo comandante do Exército para dar aula para os soldados que não tinham estudo em Forte Coimbra, local do antigo presídio construído para a defesa portuguesa contra a América espanhola. Anos depois, cursou o Magistério, parcelado em férias na cidade de Anastácio (MS). Sem recurso, dormia no chão, com chuva ou frio. Da mesma forma, no curso parcelado em férias, cursou Pedagogia.

Concluiu a pós-graduação e fez mestrado em uma cidade do Paraguai, que infelizmente não foi reconhecido no Brasil. Contando o tempo de docência, com e sem registro, tem ao todo 59 anos de profissão.

Dalva de Souza Benevides foi entrevistada pela professora Marileide de Jesus e pelos alunos do 4º ano B da Escola Municipal Almirante Tamandaré.



Dona Chiquinha lutou pela vida desde cedo.

Cresceu no bairro cervejaria, próximo ao rio, mas não tomou banho nele, pois sua mãe nunca deixou. Não conheceu o pai, que morreu quando tinha 1 ano de idade e, aos 7, perdeu a mãe também. Foi levada, então, para Brasília, para ser criada por uma tia. Retornou para a sua cidade quando tinha 15 anos, para viver com seu irmão.

Considera que, depois que se casou, com 16 anos, aí sim... fez a sua vida. Formou sua família, teve seis filhos, netos e agora um bisneto que são sua maior alegria de viver.

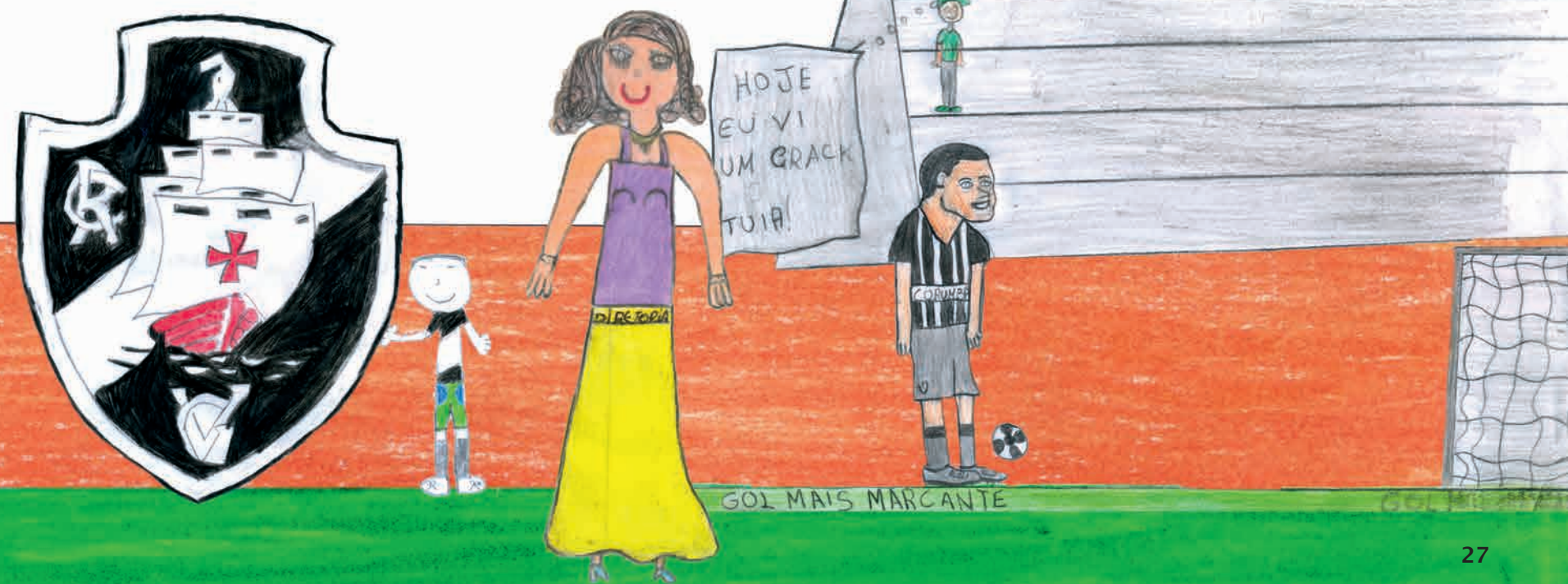
Arlete Marques Souza (Dona Chiquinha)
foi entrevistada pela professora Rosiclêa Catarina
Toniazzi e pelos alunos do 3º ano A da Escola
Municipal Cyriaco Félix de Toledo.



A vida de Wanderson José, o Tuiá, marcou a história da cidade de Corumbá. Estamos falando de um jogador que marcou a história do futebol da cidade de Corumbá com um maravilhoso gol de cobertura.

Na entrevista que os alunos da escola fizeram com esse jogador, ele falou das vitórias, dos sonhos e conquistas que o futebol trouxe para a sua vida.

Wanderson José da Cruz Miranda foi entrevistado pela professora Graucilene Solis Estevo Nobre e pelos alunos do 5º ano A da Escola Municipal Barão do Rio Branco.





Geraldo Alexandre começou a se encantar pela música com 12 ou 13 anos de idade, ouvindo a rádio do vizinho. Cantava na escola, na igreja e nos fins de semana se reunia com os amigos para juntos cantarem. Dessa reunião de amigos nasceu, no final de 1960, a banda MJ6.

A banda começou a participar dos primeiros festivais de música inédita de Corumbá, realizado no Clube Riachuelo, nos anos de 60, 70 e 80, bem como do Festival da Canção e do Fesul.

Em 1972, no Cube Riachuelo, a banda MJ6, ganhou na categoria música inédita, com a música "Caminho eu, Caminho só".

A banda tornou-se famosa em vários Estados brasileiros, até mesmo fora do Brasil, cantando *flashbacks*.

Geraldo tornou-se músico, produtor musical, produtor de eventos e DJ, sempre encantando seu público com *flashbacks*.

Geraldo Alexandre foi entrevistado pela professora Lilian Cristina Salles da Cruz e pelos alunos do 3º ano A da Escola Municipal Professor Djalma de Sampaio Brasil.



Fernando Jorge Pereira, mais conhecida como Fernanda Vannucci, viveu sua infância na cidade de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul, bairro Dom Bosco, numa casa próxima à Escola Estadual Dom Bosco, onde estudou e desenvolveu um vínculo afetivo com seus professores e com o Pe. Ernesto Sassida.

Sentia que a escola era extensão de sua casa por se sentir tão à vontade, tão acolhida. É hoje uma das maiores carnavalescas do Estado de Mato Grosso do Sul, com grande conhecimento em carnaval e da cultura popular brasileira, compreende que isso se deve ao fato de, na infância, ter se apaixonado pela literatura.

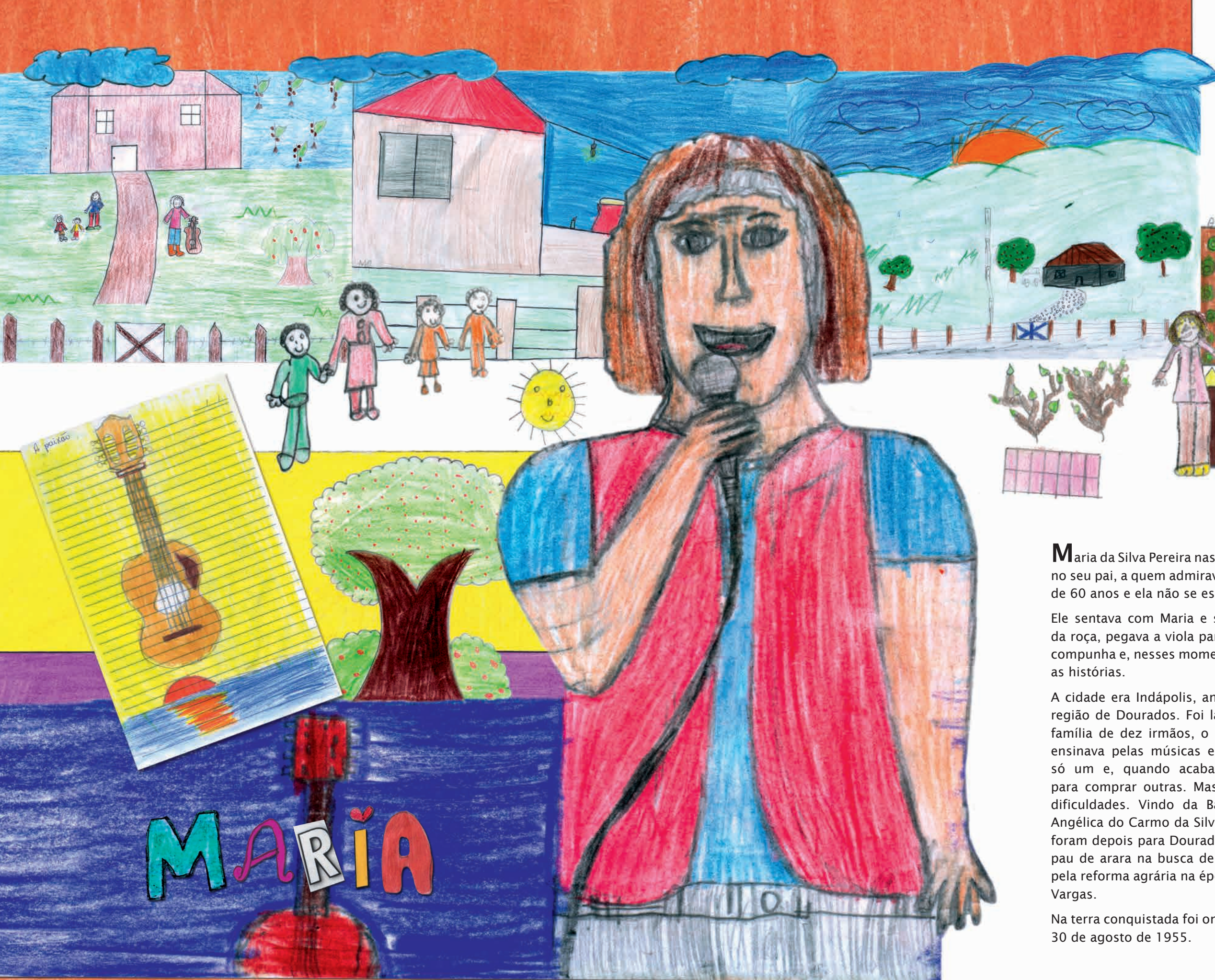
O pai era taifeiro da Empresa Cinco Bacia e a mãe, doméstica. Mais tarde trabalhou em escolas na função de auxiliar de disciplina para garantir o sustento dos

filhos, porque o pai trabalhava embarcado e passava muito tempo fora de casa, viajando para outros países. A família mantinha alguns costumes, como durante as refeições, quando todos tinham que estar juntos, tinham que ajudar na rotina da casa, tinham horário para realizar as tarefas escolares. Mais velho de três irmãos, desde cedo dividia com a mãe a responsabilidade de cuidar dos irmãos menores e das tarefas domésticas.

Seu sonho de criança era ser professor. Apesar de a infância ter sido difícil financeiramente, foi uma época feliz, em que vivia com seus irmãos, sua mãe e os vizinhos eram como se fossem da família.

Fernanda Vannucci foi entrevistada pela professora Rosângela Quiantareto Arguelho e pelos alunos do 5º ano B da Escola Municipal Dr. Cássio Leite de Barros.





MARIA

Maria da Silva Pereira nasceu para levar a vida inspirada no seu pai, a quem admirava muito. Já se passaram cerca de 60 anos e ela não se esquece dele.

Ele sentava com Maria e seus irmãos quando chegava da roça, pegava a viola para tocar e cantar músicas que compunha e, nesses momentos, família reunida, contava as histórias.

A cidade era Indápolis, antes com o nome de Serraria, região de Dourados. Foi lá que Maria nasceu. Em uma família de dez irmãos, o Sr. Avelino da Silva, seu pai, ensinava pelas músicas e pelas histórias. Rádio havia só um e, quando acabava a pilha, faltava dinheiro para comprar outras. Mas ele não se abalava com as dificuldades. Vindo da Bahia com sua mãe, D. Nair Angélica do Carmo da Silva, migraram para São Paulo e foram depois para Dourados. Faziam as viagens em um pau de arara na busca de um pedaço de terra, na luta pela reforma agrária na época da colonização de Getúlio Vargas.

Na terra conquistada foi onde Dona Maria nasceu, no dia 30 de agosto de 1955.



Dona Maria lembra que os pais levavam os irmãos mais velhos para a roça e os mais novos ficavam em casa. Uma brincadeira de que gostava muito era de brincar de professora no cafezal; o quadro era de tábua e o giz de carvão ela pegava do fogão a lenha de sua mãe. Dessa brincadeira nasceu o gosto de ser professora.

Casou jovem ainda. Ela e seu marido Hermenegildo Inocêncio Pereira decidiram buscar sua terra, assim como seus pais, e assim foram para o Assentamento Taquaral, em Corumbá.

No assentamento, passou por muitas dificuldades e alegrias... Teve dois filhos: Sérgio e Sandro. Estudou, trabalhou como professora e diretora da Escola Monte Azul. Hoje aposentada, tem na arte de tocar viola um dos prazeres da vida. Tal qual seu pai, compõe letras de músicas e ensina crianças a tocarem viola, além de ser voluntária em ações sociais.

Maria da Silva Pereira foi entrevistada pela professora Sandra Maria Monteiro de Arruda e pelos alunos do 6º ano U da Escola Municipal Rural de Educação Integral Monte Azul.



Vera Lucia, desde a sua infância, sabia e construía o que queria. Assim foi com seus próprios brinquedos, que fazia com sucatas. Brincava sozinha e preservava a natureza. Plantou um pé de manga ao lado da escola e gostava das histórias contadas pela sua mãe.

Casou com um soldado da Marinha Mercante e foi morar no bairro Aeroporto. Lá nasceram seus filhos. Com o passar do tempo, começou a observar o bairro que residia e viu a necessidade de ter, naquela comunidade tão carente, um comércio de produtos perecíveis e não perecíveis. A partir dessa constatação, fez a primeira compra para seu comércio, um sacolão contendo alguns mantimentos.

Com esses produtos, iniciou sua vida de comerciante no mercado de varejo, porém nessa primeira compra, armazenada dentro de um armário de sua casa, sem ao menos perceber, já tinha feito doação de todos os mantimentos para os moradores carentes da comunidade do bairro.

Vera Lucia Galharte de Oliveira foi entrevistada pela professora Selma Aquino de Almeida e pelos alunos do 5º ano A da Escola Municipal Professor Djalma de Sampaio Brasil.



TODO LUGAR
TEM UMA HISTÓRIA
PARA CONTAR



CORUMBÁ-MS

LISTA 4º ANO A
ARD SABOTIN
ALINE
EDUARDO
KAYLA
PATRICK
LIGIA
LOREAS
LUIZ
MARCELO
MISA ELIZ
PATRICK
NABES
VITÓRIA
WESLEY
ALIANDE OL

Ricardo viveu de forma simples em sua infância. Cresceu admirando muito seu pai, que era militar de infantaria da Marinha do Brasil, que sempre foi exemplo para os meninos e meninas dessa família.

Ladarense de coração, Ricardo sempre acreditava que um dia faria parte das Forças Armadas.

Até que passou no concurso, mas não foi como esperava. Entrou como fuzileiro

e foram oferecidos vários cursos, mas não se identificou com a sua função.

Deixou a Marinha, conseguiu empregos informais, até ser aprovado no concurso do Detran. A partir daí, as portas se abriram e, hoje, trabalha com muita dedicação na sua função.

Ricardo Assad Arguelho foi entrevistado pela professora Lilian de Souza Spíndola e pelos alunos do 4º ano A da Escola Municipal Ângela Maria Pérez.



RICARDO

TODO LUGAR TEM UMA
HISTÓRIA
PARA CONTAR CORUMBÁ-MS



TODO LUGAR TEM
UMA HISTÓRIA
PARA CONTAR
CORUMBÁ-MS





Aos 12 anos de idade, Dona Beth saiu com seus pais de sua cidade natal, no interior de Goiás, para Corumbá. Eles, de origem humilde, lhe ensinaram desde cedo a correr atrás de seus sonhos. Quando criança, caminhava em torno de 2 km para estudar, sempre carregando um saco de arroz para transportar o seu material escolar. Lembra-se da sua infância, das brincadeiras, dos amigos e da sua professora Guaracy.

Herdou dos pais a disposição para o trabalho, começando cedo como babá, cozinheira, garimpeira e, na fase mais adulta, a profissão de cobradora de ônibus. Nesse período, conheceu o seu esposo e teve seis filhos.

Para garantir com mais segurança o sustento da sua família, certo dia ela pediu ao seu esposo para lhe ensinar a trocar pneu de carro, pois tinha o desejo de montar uma oficina. Entretanto, recebeu uma resposta negativa, como se ela não fosse capaz de aprender.

Isso só fez aumentar a sua vontade e incentivou ainda mais o seu sonho. Independente do preconceito, lutou e conseguiu montar a sua borracharia!

Elizabeth Odete da Silva foi entrevistada pela professora Micheline Medeiros dos Santos Sant'Anna e pelos alunos do 5º ano A da Escola Municipal Ângela Maria Pérez.



THEODORO

Theodoro, nascido em 15 de outubro de 1946, foi criado no grandioso Pantanal, em uma fazenda chamada Bocaiual, em meio ao gigante Rio Paraguai, dentro do maior município do Estado de Mato Grosso do Sul, Corumbá.

Sua vida foi mais de trabalho e brincadeiras simples, na roça, com o pai e a mãe até os 12 anos, quando foi morar em Ladário. Estudou apenas seis meses e teve que voltar para a fazenda, para ajudar o seu pai, que havia se separado da sua mãe. Junto com outro irmão, ficou até os 16 anos.

Veio morar em Corumbá, na Ladeira Boa Esperança, na Cervejaria, onde havia uma fábrica de cerveja e refrigerantes, bairro em que mora até hoje. Lá sofreu muito preconceito por ser caipira e pobre.

Trabalhou quebrando pedra em uma antiga pedreira que havia na Cacimba da Saúde, até que foi para o quartel. Quando sua vida foi melhorando, adoeceu e foi para o Rio de Janeiro, tendo que capinar para sobreviver. De volta, continuou morando no mesmo bairro, onde conheceu a sua esposa, com quem teve cinco filhos e netos. É reformado do Exército, mas vende raspadinha que, para as crianças, é uma delícia que refresca.

Theodoro de Moura foi entrevistado pela professora Verônica Bernardes dos Santos e pelos alunos do 3º ano A da Escola Municipal de Educação Integral Tilma Fernandes Veiga.



Num certo dia, cansado e sonolento, Sr. Gerson estava voltando do garimpo para sua casa, de bicicleta, quando foi atropelado por um automóvel. O impacto foi tremendo e ele perdeu um dente de ouro. Ficou 20 dias na UTI com uma cicatriz enorme na barriga. Na perna, precisou colocar um pino.

Debilitado, após o acidente, teve que abandonar a profissão de garimpeiro.

Como adorava pescar e com a informação de que Corumbá era uma cidade turística e com um imenso e maravilhoso rio, em que uma das atividades de subsistência é a pesca, veio para cá.

Sr. Gerson, atualmente, trabalha com a coleta de recicláveis. Cuida dos filhos, preocupa-se com o futuro deles. Ele os leva e busca todos os dias na escola. Sustenta os meninos com o carrinho de recicláveis que tem, pintado com as cores da bandeira da Jamaica, chamado "Bob Marley", de quem é fã e adotou como apelido.

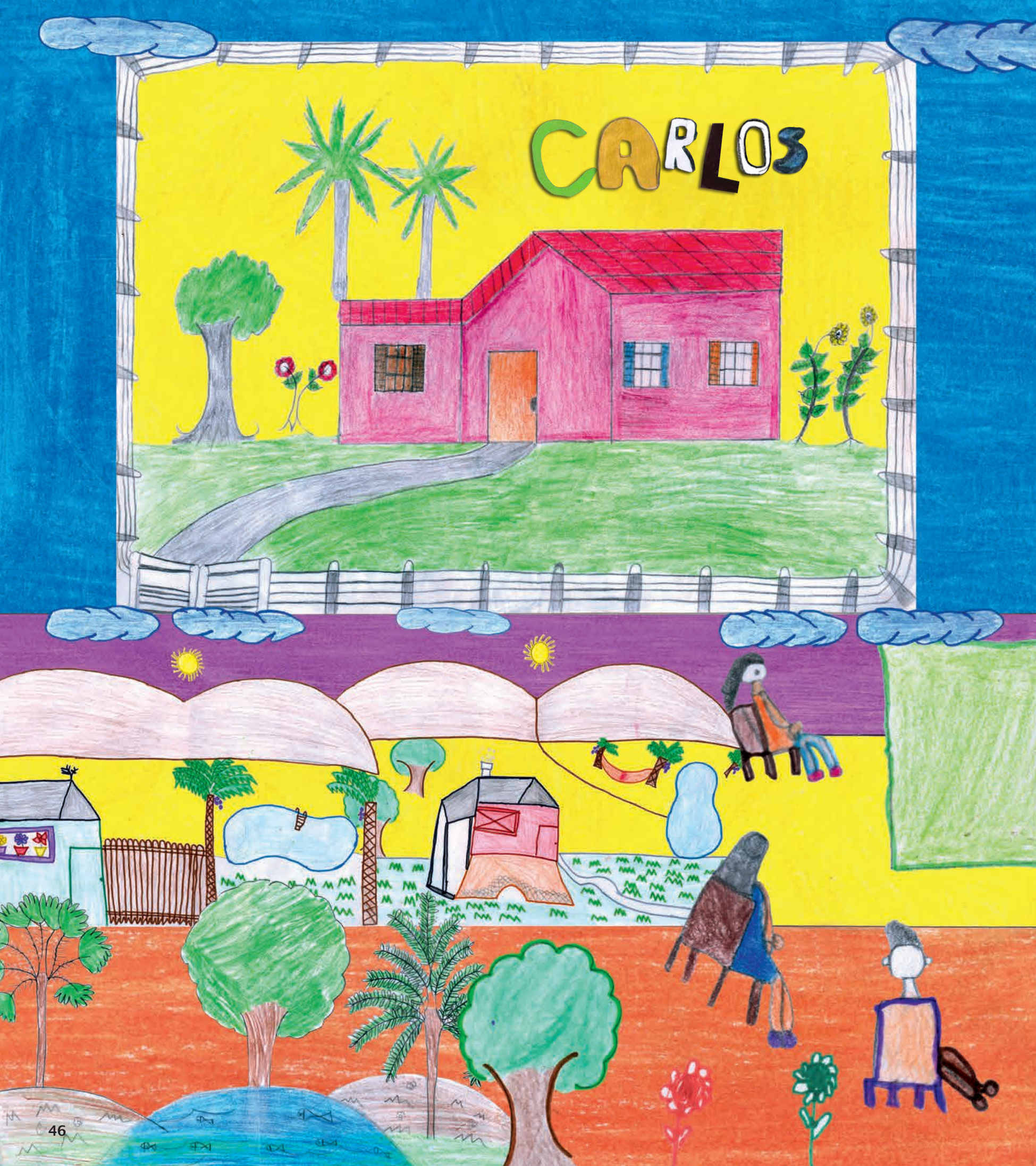
Gerson Medeiros Silva foi entrevistado pela professora Cynthia Ribeiro da Cunha Lima e pelos alunos do 3º ano A da Escola Municipal Izabel Corrêa de Oliveira.



HISTÓRIAS

DA VIDA VIVIDA





Carlos de Aquino, um dos mais antigos moradores do Assentamento Urucum contou que tem quatro filhos e sua esposa se chama Iza Maria Correia da Costa. Contou que ele fez vários eventos em sua casa, que trabalhou como ferroviário do Assentamento Urucum, mas que agora é aposentado. Disse que a estação ferroviária era muito movimentada, já que o trem de passageiros passava todos os dias por aqui, animando a comunidade.

Emocionado, contou para o grupo que o entrevistou que se lembra de suas primeiras professoras, chamadas Maria José de Souza e Maria Aparecida Campos.

Lembrou-se de que sua primeira escola era cercada de lasca de acuri, que foi presidente de esporte e que participou do colegiado da nossa escola. Também foi presidente da diretoria da Igreja São Francisco de Assis, da comunidade católica do Assentamento Urucum, e, quando era criança, gostava de brincar com bolitas, de esconde-esconde, jogar bola, andar de bicicleta, jogar queimada, entre outros.

Carlos de Aquino Correia da Costa foi entrevistado pelo professor José Nogueira de Souza e pelos alunos do 4º ano U da Escola Municipal Rural Polo Carlos Cárcano.



Rosalina contou para o grupo de crianças que a entrevistou que era uma menina muito sapeca, mas também muito estudiosa. Caçula entre as irmãs, lembra-se do seu pai dizendo:

– Namoro... Só depois de terminados os estudos! Se for namorar, é pra casar!

Mesmo assim, namorava escondido alguns colegas da escola durante o recreio. Com 15 anos, conheceu um rapaz que teve a coragem de enfrentar seu pai e pedir autorização para namorá-la. Ele era de boa índole e vinha de uma boa família; seu pai, porém, não permitiu. Então, começaram a namorar escondido.

Lembrou-se de que havia um cinema na cidade e, nas matinês de domingo, seu namoradinho e ela podiam namorar à vontade. Naquela época, os namorados não tinham malícias. Acariciavam as mãos, mas beijar nem pensar!

Recorda com prazer daqueles tempos.

Rosalina Magalhães de Paiva foi entrevistada pela professora Evanir de Moura e pelos alunos do 5º ano C da Escola Municipal Cléo Proença.



Maria Darcila morou em Cuiabá durante a sua infância e juventude. A casa onde viveu era grande, bonita, do estilo da época da escravidão. Dentro da cozinha, tinha um poço embutido que saía do outro lado da casa.

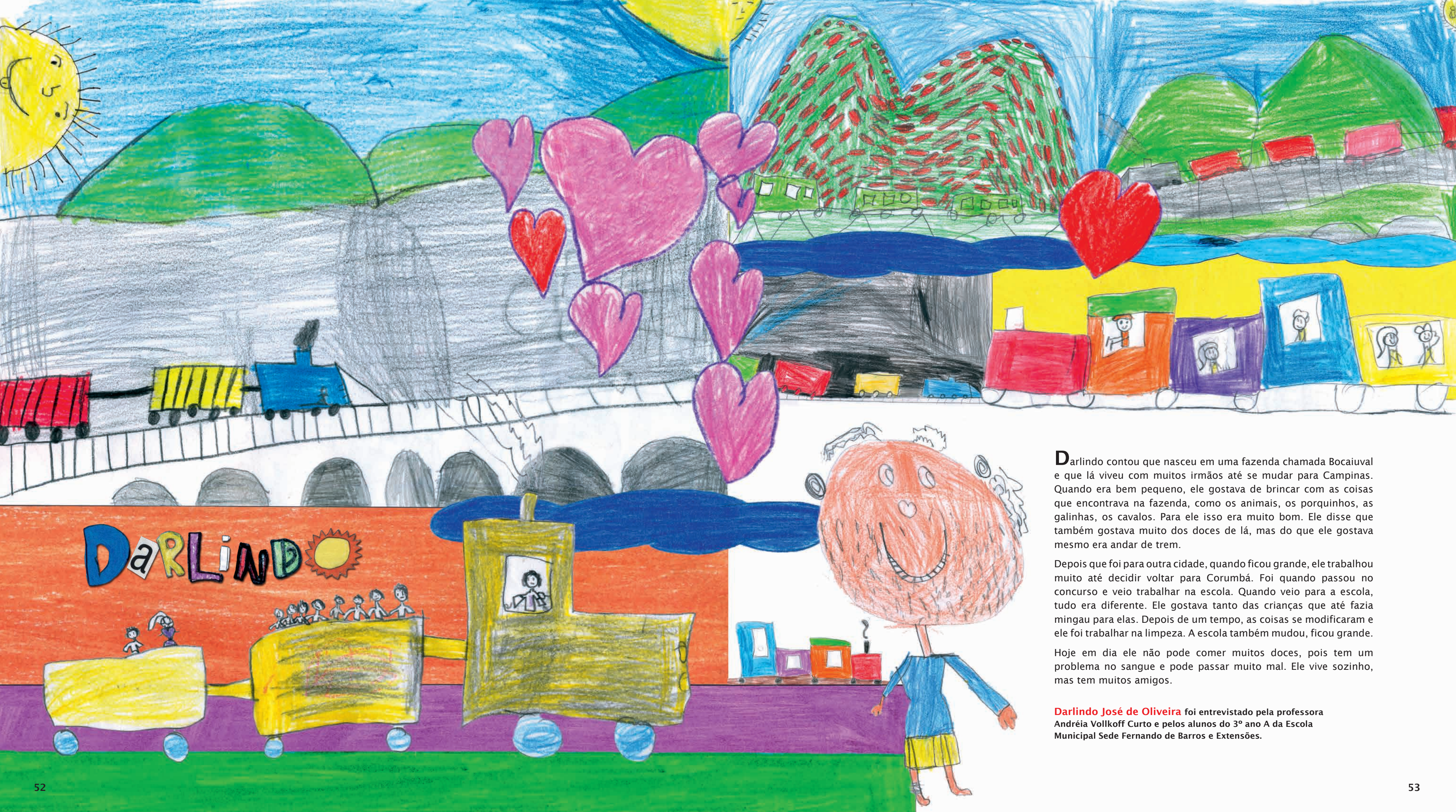
Um dia, durante uma reforma no casarão, os empregados acharam muitos objetos valiosos, como colher de prata, vários utensílios domésticos antigos, ferradura, terço de ouro e muitos outros objetos de valor.

Estudou numa escola de freiras chamada Sagrado Coração de Jesus. Os meninos frequentavam escolas de padres. Nesse período, meninas e meninos só se encontravam em comemorações especiais e, nessas ocasiões, o uniforme era de gala.

Assim que se casou, veio para Corumbá trabalhar, inicialmente na coordenação e, depois, na direção de uma escola estadual. Os cargos eram de confiança. Como gostava do que fazia, sempre quis trabalhar na educação e pôs para funcionar duas escolas estaduais.

Maria Darcila Antunes de Brito foi entrevistada pela professora Ivania Ferreira dos Santos Leite e pelos alunos do 5º ano A da Escola Municipal Izabel Corrêa de Oliveira.





DARLINDO

Darlindo contou que nasceu em uma fazenda chamada Bocaiuva e que lá viveu com muitos irmãos até se mudar para Campinas. Quando era bem pequeno, ele gostava de brincar com as coisas que encontrava na fazenda, como os animais, os porquinhos, as galinhas, os cavalos. Para ele isso era muito bom. Ele disse que também gostava muito dos doces de lá, mas do que ele gostava mesmo era andar de trem.

Depois que foi para outra cidade, quando ficou grande, ele trabalhou muito até decidir voltar para Corumbá. Foi quando passou no concurso e veio trabalhar na escola. Quando veio para a escola, tudo era diferente. Ele gostava tanto das crianças que até fazia mingau para elas. Depois de um tempo, as coisas se modificaram e ele foi trabalhar na limpeza. A escola também mudou, ficou grande.

Hoje em dia ele não pode comer muitos doces, pois tem um problema no sangue e pode passar muito mal. Ele vive sozinho, mas tem muitos amigos.

Darlindo José de Oliveira foi entrevistado pela professora Andréia Vollkoff Curto e pelos alunos do 3º ano A da Escola Municipal Sede Fernando de Barros e Extensões.



Instituto Museu da Pessoa.Net

Diretora-Presidente
Karen Workman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Prefeitura Municipal de Corumbá

Prefeito Municipal
Marcelo Aguilar Lunes

**Secretaria Municipal
de Educação e Cultura**

Secretário
Genilson Canavarro de Abreu

Subsecretária de Educação
Maria do Carmo Provenzano de
Arruda Brum

Coordenação do Projeto no Município
Laura Helena dos Santos Amaral
Maria Aparecida Dias de Moura

**Projeto Todo Lugar Tem
uma História para Contar –
Corumbá, 2018**

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Gestão do Projeto
Renato Herzog

Produção
Ane Alves

Formação
Marcia Elias Trezza

Escolas Participantes

**Escola Municipal Ângela
Maria Pérez**

Professoras
Lilian de Souza Spíndola – 4º ano A
Micheline Medeiros dos Santos
Sant’Anna – 5º ano A

Diretora
Adelaide de Lima Cáceres

Vice-Diretora
Renilda Menacho de Arruda

Coordenadoras
Cristiane Gonçalves
Minira Franco dos Reis

Escola Municipal Almirante Tamandaré

Professora
Marileide de Jesus – 4º ano B

Diretora
Gerusa Soares de Souza Papa

Coordenadora
Eliana Cristina Arguelho

Escola Municipal Clio Proença

Professora
Evanir de Moura – 5º ano C

Diretor
Evaldo Nunes de Siqueira

Vice-Diretora
Greucimare Maria Alves Pereira

Coordenador
Odair Alves de Arruda

Escola Municipal Barão do Rio Branco

Professora
Graucilene Solis Estevo Nobre – 5º ano A

Diretor
Paulo Cesar Lopes dos Santos

Vice-Diretora
Tatiane Cecília Lima Martins Sales

Coordenadora
Rosemary Alves Rodrigues

**Escola Municipal Dr. Cássio
Leite de Barros**

Professora
Rosangela Quiantareto Arguelho – 5º ano B

Diretora
Tatiane Soares de Oliveira

Coordenadora
Erica Lopes Xavier

Escola Municipal Cyriaco Félix de Toledo

Professora
Rosicléa Catarina Toniazzo – 3º ano A

Diretora
Maria Clarice Servion

Coordenadora
Raquel Rondon Corrêa Bordon

**Escola Municipal Sede
Fernando de Barros e Extensões**

Professora
Andréia Vollkoff Curto – 3º ano

Diretor
Rondinelli Leite Olarte

Coordenadora
Geisilene Rodrigues da Costa

**Escola Municipal Professor
Djalma de Sampaio Brasil**

Professoras
Lilian Cristina Salles da Cruz – 3º ano A
Selma Aquino de Almeida – 5º ano A

Diretora
Verônica Chaparro de Lucena

Vice-Diretora
Cláudia Simone de Souza Santos

Coordenadoras
Maria do Carmo Cabral Campos
Maria Madalena Senna

**Escola Municipal Izabel
Corrêa de Oliveira**

Professoras
Cynthia Ribeiro da Cunha Lima – 3º ano A
Ivania Ferreira dos Santos Leite – 5º ano A

Diretora
Ecila Antunes de Brito

Vice-Diretor
Antonio Angel Pereira Ruiz

Coordenadora
Rosemeiry Assunção Alves Zozias de Lima

Escola Municipal Rural Paiolzinho

Professora
Glaucia Adriana A. C. Silva – 6º ano U

Diretora
Aurélia Cândia dos Santos

Coordenadora
Maria Claudete da Silva Aquino

Escola Municipal Rural de Educação Integral Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres

Professora
Geovanna Garcia – 4º ano

Diretora
Rosemeire Esteves dos Santos

Vice-Diretor
Luiz Carlos Vargas

Coordenador
Luiz Carlos Vargas

Escola Municipal de Educação Integral Tilma Fernandes Veiga

Professoras
Sidenei Bittencourt da Costa – 5º ano U
Verônica Bernardes dos Santos – 3º ano A

Diretor
Jonathan Gonçalves dos Santos

Coordenadora
Eva Aparecida Vanjura de Moura

Escola Municipal Pedro Paulo de Medeiros

Professor
Pedro Luiz Jerônimo Borges – 5º ano A

Diretora
Tânia Maria da Costa Guimarães

Vice-Diretor
Jorge Luiz Samaniego Sambrana

Coordenadora
Elvira Tarrio

Escola Municipal de Educação Integral Rachid Bardauil

Professoras
Eliney Andrade de Almeida – 3º ano A
Ramona Corrêa Cassiano – 4º ano U

Diretora
Dorothea Iraydes Midon

Coordenadora
Suzimeire do Carmo das Neves Barbosa

Escola Municipal Rural Polo Porto Esperança e Extensões

Professora
Lylian Cristina Campos Faria – 6º a 9º ano (sala multi)

Diretora
Rozemere dos Santos

Coordenadora
Neide Leones Pereira

Escola Municipal Rural Polo Carlos Cárcano

Professor
José Nogueira de Souza – 4º ano U

Diretor
Guilhermando de Arruda Filho

Coordenadora
Roselene Maria da Silva Rodriguez

Escola Municipal de Educação Integral Luiz Feitosa Rodrigues

Professor
Antônio Carlos Ribeiro Dias – 8º ano U

Diretora
Tania Regina Giacometti

Coordenadora
Márcia Cristina Capistrano da Rosa

Escola Municipal Rural de Educação Integral Monte Azul

Professora
Sandra Maria Monteiro de Arruda – 6º ano U

Diretor
Wagner de Oliveira Paes

Coordenadora
Gelsimara Cunha dos Santos

Entrevistados

Arlete Marques Souza
Carlos de Aquino Correia da Costa
César Carmo de Oliveira Ribeiro
Claudete Aparecida dos Santos Nunes Duarte
Dalva de Souza Benevides
Darlindo José de Oliveira
Elizabeth Odete da Silva
Fermozina da Silva
Fernanda Vannucci
Geraldo Alexandre
Gerson Medeiros Silva
Jared Felisberto de Carvalho
Marcelo Aguilar Lunes
Marcelo Bispo Santos
Maria da Silva Pereira
Maria Darcila Antunes de Brito
Maria Luiza da Costa
Ricardo Assad Arguelho
Rosalina Magalhães de Paiva
Sandra Márcia Gomes de Almeida
Theodoro de Moura
Vera Lucia Galharte de Oliveira
Wanderson José da Cruz Miranda

Publicação Corumbá na Vida Sonhada, na Vida Vivida e na Vida Contada por seus Moradores

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Marcia Elias Trezza
Sônia Helena Doria London

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama

Produção
Ane Alves

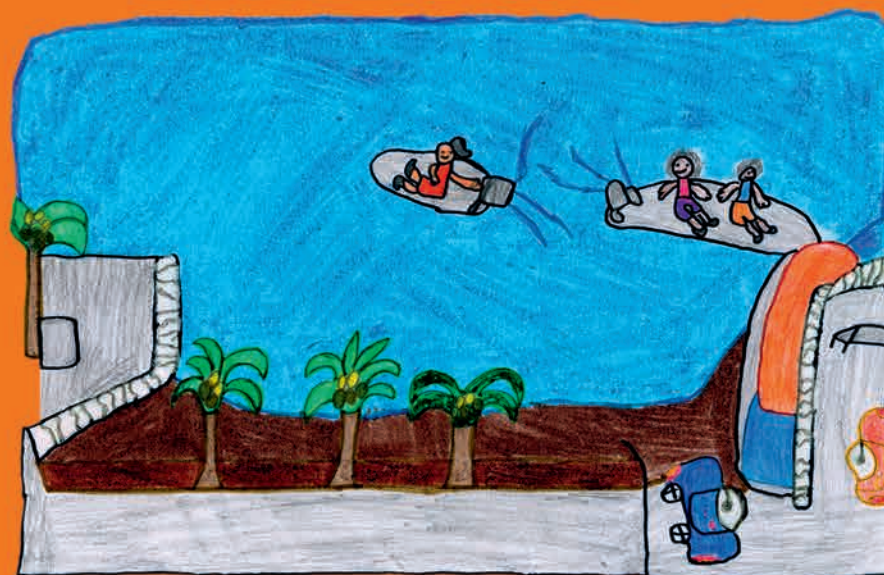
Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas
Renato Theobaldo

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos e Produção dos Textos
Alunos participantes do projeto





Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

